

COUTINHO, EDUARDO F. *GRANDE SERTÃO: VEREDAS; TRAVESSIAS.*

São Paulo: É Realizações Ed., 2013.

Dalma Nascimento
(Universidade Federal do Rio de Janeiro; CNPq)

Toda ação principia mesmo por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada que vai rompendo rumo. (João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 170)

A É Realizações Editora, de São Paulo, acabou de lançar uma série de obras literárias à guisa de uma Biblioteca intitulada Textos Fundamentais, coordenada pelo professor João Cezar de Castro Rocha, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dentre os autores brasileiros selecionados, cujos escritos se enraízam nas matrizes da criação artística e nos alicerces da cultura nacional e atingem a universalidade, figura com exponencial destaque a produção de João Guimarães Rosa. O estudo teórico em sua homenagem coube ao crítico brasileiro Eduardo F. Coutinho, um dos maiores especialistas do Brasil e do exterior na narrativa de Rosa, professor titular de Literatura Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisador 1 A do CNPq.

Iluminadas pela exegese de Coutinho, as composições do mineiro de Cordisburgo são interpretadas com rigor no livro recém-produzido, cujo título, evocativo e pertinente, remete ao romance do autor dos Gerais, acrescido da palavra “travessia”, signo relevante em sua prosa poemática. O intertextual “recado” do nome entre as duas obras – já que o nomear é significativo na ficção rosiana – denota o amistoso entrelaçamento entre o pesquisador e a estética do autor. Com a palavra “pensada” e “pegante”, Eduardo F. Coutinho foi “rompendo rumo” pelo cipoal linguístico, imagético e inovador do grande sertão do mestre da narrativa, demonstrando que a *philia* dialógica entre ele e o romancista é amizade antiga. Rosa foi tema do mestrado

e do doutorado de Coutinho em duas grandes universidades norte-americanas, além de objeto de vários de seus livros,¹ razão por que, para assinar o estudo do *Grande sertão*, melhor não poderia ter sido a escolha da Biblioteca Textos Fundamentais.

O livro, composto de ensaios, inicia-se com “A travessia de João Guimarães Rosa; dados biográficos”. À maneira do contador de histórias, narra o “range rede” do balanço das memórias do menino João, entre aulas de francês, estudos de música, idas a bibliotecas, ingresso na Faculdade de Medicina. E prossegue com a reconstituição da trajetória do autor: 1930 – orador da turma, e, oficial-médico na Revolução de 1932, conhece “o valor místico do sofrimento” (p. 8); 1934 – ingressa no Itamaraty, abandona a medicina, assume cargos diplomáticos e, com Aracy, a segunda esposa, auxilia refugiados do nazismo; 1956 – “ano áureo de sua produção literária” (p. 11), brilha com *Sagarana*, *Estas histórias*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, onde “explorou ao máximo o universo sertanejo, já presente em obras anteriores” (p. 11).

O segundo capítulo, “A obra de Guimarães Rosa em seu conjunto”, situa-o na terceira geração do modernismo brasileiro, mais voltada para os meios de expressão literária e o sentido estético do texto, embora certos romancistas a ela ligados se inclinem para questões políticas. Com acurada pesquisa, o professor discute os paradoxos aí inerentes, enfatizando que o “engajamento” de Rosa se dá no interior do idioma. Para confirmar, reproduz a posição por ele expressa a Günter Lorenz, segundo a qual “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo” (p. 21).

Rosa, assim, é contrário ao discurso automatizado, em que as palavras perdem, como diz Coutinho, “o viço originário” (p. 23), aquele vigor inaugural ainda assinalado pela umidade do nascedouro, que se esvai com o tempo, à medida que elas ganham sentidos fixos associados a um contexto específico. O escritor mineiro, por isso, desejava chegar-se ao verbo inaugural, oculto, mas pulsante, “sob as montanhas de cinza” (p. 22) das cargas culturais, para fazer rebrilhar “o metal escondido” (p. 22). Queria que a escrita surgisse naquele fugaz instante da *poiesis*, ato desvelador da criação já sufocado pelas camadas de significações que cada época confere à distante e esquecida palavra primitiva. Daí sua constante tentativa de ir ao cerne dos vocábulos, com inovações fônicas, estilísticas, semânticas, a fim de re-

cuperar fases linguísticas que haviam perdido sua energia originária ao conseguir efeitos “revolucionários” (p. 25), visando à renovação literária.

Perceptiva antena do invisível – como testemunham os símbolos esotéricos e as atmosferas iniciáticas em seus livros –, Rosa intuiu que nas palavras residiam o mistério e a chave das transformações do mundo. Daí aspirar ao *numen*, o numinoso / luminoso do *nuo*, a centelha criadora da manifestação epifânica de que falam os teólogos, e que os antigos gregos chamavam *alétheia*. Termos, pois, que designam o momento “extra-ordinário” do des-velamento, da re-velação, da retirada dos véus, quando o *numen* vira nome, palavra, *verbum* primeiro, sem “as montanhas de cinzas” (p. 22) que lhe encobrem o brilho da luz. Mesmo sem trilhar sendas esotéricas, o texto teórico de Coutinho propicia tais conjecturas, ao mencionar o “viço originário” (p. 25) e a perda da energia originária.

Ao encaço dos fundamentos essenciais refletidos nas mudanças da escrita rosiana, o crítico brasileiro alude aos neologismos e experimentos verbais, às múltiplas soluções da sintaxe, à ruptura da linearidade tradicional, às simultaneidades e multiplicidades dos planos espaciais, às técnicas híbridas do monólogo-diálogo, à coexistência, na maioria das narrativas, de uma linguagem-objeto e uma metalinguagem. O escopo do escritor mineiro, proclama o professor, era, em suma, o de “revitalizar a linguagem com o fim de recobrar sua *poiesis* originária e atingir o leitor, induzindo-o à reflexão” (p. 24).

Sendo o pesquisador renomado comparativista, no ensaio seguinte, “*O grande sertão: veredas*; estudo crítico”, inseriu a ficção rosiana no contexto latino-americano, traçando similaridades temático-estruturais com as propostas da “geração do *boom*” (p. 51) latino-americano, intercâmbio essencial nem sempre observado. Especialista também na produção hispano-americana, Coutinho esclarece que, embora nos romances da América Latina vigorem os pares antinômicos (regionalismo *versus* universalismo, objetivismo *versus* subjetivismo, consciência estética *versus* engajamento social), com as inovadoras noções que facultam outras leituras a estética de Rosa, espelho e prisma das pulsações do novo, coparticipou da dinâmica desse quadro transformacional, ao reverter as antigas tensões ambivalentes. Complementando, o teórico ponderou que “a nova narrativa” acolheu a “forma múltipla”, “plural”, “ilimitada”, ao congre-

gar “em seu *corpus* todos esses elementos tradicionalmente opostos” (p. 52). Tais mudanças, embora tenham ocorrido na produção literária do Ocidente em geral, na América Latina manifestaram-se mais atuantes pela busca da identidade do continente, contrária aos modelos imperialistas transportados. E, nessas tendências confluentes, onde o mítico, o mágico e o sagrado adquiriram espaço, figura a obra de Guimarães Rosa.

O terceiro e o quarto ensaios centram-se no enciclopédico romance, principal objeto do estudo. Se os capítulos anteriores abriram sendas à interpretação, agora se tem a convergência exegética, em “*O Grande sertão: veredas*; estudo crítico”. Imerso no “redemunho” do narrado, Coutinho verticaliza questões tangenciadas páginas antes. Ratifica a relevância do autor na literatura universal, sua técnica de reunir elementos confluentes e polimórficos, esfacelando a moldura tradicional do romance e dos gêneros com combinações inesperadas. Diante da lógica cartesiana dos binarismos de “isso ou aquilo” (p. 80), realça que o escritor a substituiu por propostas inclusivas, a exemplo do paradoxo “Tudo é e não é” (p. 80), que atravessa o relato.

Em meio a polissêmicas leituras, o professor escolheu um caminho seguro para deslindar o aparente caos do universo simbólico da narrativa. Dissecou as “destrilhadas” dúvidas do atormentado Riobaldo, discorreu sobre as perplexidades e obsessivas interrogações do personagem, abordou a suposta culpa do jagunço pela morte de Diadorim em decorrência do nebuloso pacto com o diabo, cuja verdade é posta em discussão pelo sertanejo. Este crê e não crê no que conta, e sua fala oscila em ambiguidades, conforme ele próprio confessa no texto de Rosa: “Eu nunca tive certeza de coisa nenhuma”.

Sem os peculiares maniqueísmos reducionistas, este capítulo, verdadeira aula literária, filosófica, teórica e psicológica, escava os sentidos da vida nas entranhas textuais, dissecou a estrutura do plano da narração (da escrita do presente narrativo) e do plano do narrado (o passado do sertanejo), dividido, por sua vez, em sublinhas, para melhor analisá-los. Com segurança científica, o crítico mostra que o relato inteiro se constrói sob o signo da busca” (p. 81), no pressuposto de que a vida é processo dinâmico de aprendizagem, onde cada passo constitui um risco no corpo a corpo com o mundo (“Viver é muito perigoso”, como proclama Riobaldo), sendo assim sempre provisórias as conquistas no dinâmico vir a ser heraclítico.

O quinto capítulo – “Olhar sobre o *Grande sertão: veredas*; comentário sobre uma passagem-chave” – analisa o trecho próximo ao final, quando Riobaldo descobre em Diadorim, já morta, “uma mulher que se disfarçava em guerreiro” (p. 122). Realçando a força do olhar, a interpretação constrói-se com tons psicofônicos, ou seja, nos quais os meandros da alma do protagonista mais se manifestam, e a lúcida visão do crítico, “rompendo rumo”, retira as cinzas da palavra rosiana.

Fechando a sequência, a obra conclui com “Sugestões de leitura sobre o *Grande sertão: veredas*”, indicando livros e matérias em periódicos sobre o autor.

Bem afinado com a proposta da Biblioteca Textos Fundamentais, Eduardo F. Coutinho foi às nascentes da escrita do ser tão profundo de Rosa: decifrou seu alicerce fundador e trouxe-o à luz. No pacto amistoso com o texto, Coutinho também inovou em sua leitura, acenando para outras veredas interpretativas e novas travessias plurais, abrangentes e móveis, sempre em processo com vistas à dinâmica transcendente do futuro. “Guimarãesrosando”, seguiu as trilhas do mago da linguagem, uma vez que, após o término das palavras do livro de Rosa, figura a imagem visual da *lemniscata*, aquele oito na horizontal deitado, símbolo do infinito, que se abre para o ilimitado espaço do devir.

NOTA

¹ *Fortuna Crítica de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; *Em busca da terceira margem: ensaios sobre o “Grande sertão: veredas”*. Salvador: Casa da Palavra, 1993; *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2 v. (reedição atualizada em 2009).

Recebido em: 13/05/2014.

Aceito em: 14/06/2014.